

A obra de Pablo Picasso

A obra de Pablo Picasso é a expressão artística de uma grande solidão que, segundo pensa com acerto Jean Cassou, representa um caráter profundamente espanhol, já presente nas *Soledades* de Gôngora; devemos, entretanto, atribuir a essa solidão uma significação mais larga, mais livre das contingências de um símbolo nacional, incorporando-a à natural alienação, que frequenta todo espírito verdadeiramente criador; ainda mais, devemos reconhecer no grande Malaguenho uma excessiva permanência nesse estado de alienação criadora. Chega-se assim a compreender, sem muita dificuldade, as suas sucessivas e espetaculares transformações como uma necessidade de preencher o vazio que se instala de maneira obsedante, logo depois de cada uma das suas realizações artísticas, de cada uma de suas “fases”, não encontrando o artista, em nenhuma delas, a calma, estável e conformada manifestação de uma única, exata e definitiva solução para o problema cruciante do seu temperamento ou da sua sensibilidade. E se acrescenta que o “caso” Pablo Picasso não é apenas o de um temperamento de artista, o caso de uma forte personalidade em busca de expressão, procurando se integrar em obras de arte. É também, e sobretudo, o caso de um dos participantes das pesquisas procedidas em torno da crise que se verificou nas artes plásticas no fim do século passado.

Efetivamente Picasso começou a pintar numa época em que o drama da expressão estética iniciada com o impressionismo atingia o seu auge; e em sendo um drama como tantos outros que atingiram o conhecimento humano desde o do número irracional, no mundo grego, até o da mecânica relativista em nosso tempo, vinha abalar o conformismo e a estabilidade de conceitos considerados imutáveis, e supostos para sempre incorporados à consciência de todos. Do Impressionismo que surgiu de verdadeiras especulações sobre a luz até o “fauvismo” e a sua conseqüência imediata, o cubismo, onde se procura a síntese de um espaço mais geral, a pintura se deixou empolgar pela mesma perturbação sofrida na Física e na Geometria no limiar de novas concepções do universo. Assim como o número irracional acabara com o mito do Ano Grande e desfizera a esperança deste ciclo do tempo, pelo qual se chegaria à eterna volta das coisas, os mais modernos conhecimentos da decomposição da luz e da estrutura espacial, a descoberta da arte negra e dos primitivos subverteram os fundamentos de uma concepção de beleza ainda repassada daquela intenção ideal já instaurada no século XVIII pelas investigações estéticas de Mengs e de Arteaga.

Desse longo conflito de mais de cinquenta anos em que se debateram muitas idéias, em que se empenharam tantos artistas, bem pouco resultou: as idéias evoluindo para fantasias cada vez mais bizarras foram aos poucos abandonadas pelos artistas, que primeiramente as exprimiram, todos finalmente se instalando numa fórmula estilística, como tantos outros que viveram em épocas mais tranqüilas e sem problemas. Aquela “violação do instinto pela vontade” que estava no cerne da atividade especulativa do cubismo, que era a condição indispensável para a revelação de uma ordem na pintura total, e que provocou a análise do objeto (cubismo analítico) como a vivisseccção e depois a desintegração da matéria pictórica, trouxe em conseqüência apenas a abstração, chegando às fronteiras do hermetismo. Na última etapa o cubismo procura ainda, numa ação reversiva, com a matéria decomposta, exprimir a síntese de uma nova realidade objetiva. Estaria assim completada uma operação semelhante aos processos sintéticos da técnica moderna que, por exemplo, tritura e transforma a pedra em areia e a recompõe depois em lâminas de vidro. Em todas essas operações do cubismo, a ordem, a legalidade para uma arte nova não foi, todavia encontrada; apesar de tudo que se vem escrevendo mais ou menos levemente sobre este assunto não se encontrou a perspectiva para a quarta dimensão, nem se achou correspondente pictórico para a geometria cinemática.

Nesse vasto conflito de mais de meio século cumpre salientar a figura extraordinária de Pablo Picasso, o único artista que não se adaptou a um estilo, e ficou em investigação permanente, numa tensão de espírito sincera, fiel e voluntária. Daí a sua estranha mobilidade, daí os variados aspectos da sua obra que surpreende e desconcerta a todos aqueles que procuram na unidade, ou melhor, numa só unidade, a perfeição das coisas. No entanto, como não é difícil descobrir na pintura do genial pintor quatro “fases” bem definidas, poderíamos associar à sua capacidade comunicativa a correspondência de um corpo algébrico de quatro unidades, usando-se aqui uma linguagem um pouco inadequada, mas de certo modo, fornecendo uma imagem satisfatória.

A primeira “fase”, a das figuras miseráveis, corpos ressequidos, desidratados, de saltimbancos, operários e vagabundos, está aquém da experiência cubista: não há negar-se que nela existe o mais perfeito sentido unitário e o seu fechamento, a sua extinção, e... a solidão. As outras três fases são todas oriundas do cubismo, por mais díspares e desconstruídas que possam parecer: a fase das figuras encobertas, máscaras impassíveis e desarticuladas, figurantes de uma cena grotesco-teatral, músicos-títeres de uma ópera de magia; as guitarras e os balcões pertencem a esta fase, em que as cores diferem inteiramente das da primeira, mas que dentro dela conservam a mesma gama de valores que são de cinzas coloridos, de vermelho indiano e de ocre dourado. A terceira é a fase das figuras idílicas, casais de namorados no campo, mulheres de mão enlaçadas, bailarinas em êxtase, são formas volumosas, saudáveis e felizes. Para a realização da quarta e última manifestação do seu espírito contribui um acontecimento capital na vida do pintor: Guernica, os “desastres da guerra” civil em seu país.

Desde este momento a sua pintura é animada por um violento sopro de tragédia, verdadeira tempestade torcendo as coisas e os seres vivos, desconjuntando, decepando os membros do corpo humano, dos animais e dos objetos, mas tragicamente conservando-os ainda unidos numa arrumação caótica e macabra.

Nesta última fase se mantém, ainda, o pintor Pablo Picasso, que completou, a 24 do mês findo setenta e cinco anos de idade, e quase cinquenta de artista mais importante deste século.